

O CAMINHO DA NÃO-VIOLÊNCIA EM VOZES DO DESERTO

Mariana Correia Mourente MIGUEL¹

Resumo:

Nos estudos de gênero, especialmente aqueles sobre a narrativa de autoria feminina, a violência ocupa um lugar de destaque, visto ser ela um dos elementos que distinguem os gêneros dentro da economia simbólica (cf. Bourdieu, 1999). Neste trabalho, será abordado o diferente tratamento dado à violência cometida por personagens femininas em duas obras: os romances góticos da escritora inglesa Charlotte Dacre e o recente romance *Vozes do Deserto* da brasileira Nélide Piñon. Através de uma comparação entre estes dois textos, pretende-se compreender melhor de que forma as mulheres escritoras tentaram, ao longo do tempo e em vários contextos, subverter e anular a ordem hegemônica vigente nas sociedades em que atuavam. Esta análise levará a um surpreendente caminho para a não-violência através da própria literatura.

Palavras-chave: Narrativa de autoria feminina, Nélide Piñon, *Vozes do Deserto*, Charlotte Dacre, violência, não-violência

Abstract:

In women studies, especially those concerned with narratives by women writers, violence takes a prominent position, given that it is one of the elements that distinguish the genres in the symbolic economy (cf. Bourdieu, 1999). This article deals with the different treatment given to violence committed by female characters in two works: the gothic novels by English writer Charlotte Dacre and the recent book by Brazilian novelist Nélide Piñon. Through a comparison between these two texts, this article aims at achieving a better understanding of how women writers have tried, throughout time and in different contexts, to subvert and annul the hegemonic order prevalent in the societies where they worked. This analysis will lead us to a surprising path to non-violence through literature.

Keywords: Women studies, Nélide Piñon, *Vozes do Deserto*, Charlotte Dacre, violence, non-violence

Introdução

Nélide Piñon abre seu mais recente romance, *Vozes do Deserto*, com um parágrafo curto, mas repleto de palavras que remetem o leitor a um mundo marcado pela violência de forma contundente: “Scherezade não teme a morte. Não acredita que o poder do mundo, representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio de sua morte o extermínio da sua imaginação”. (PIÑON, 2004, p. 7, grifos nossos). Esta presença quase sufocante da violência na narrativa suscita comparações com a produção da romancista inglesa Charlotte Dacre, posto que também nos romances desta autora a violência ocupa lugar de destaque. É interessante notar que tal ocorre não apenas porque os atos de violência descritos sejam atroz, mas também porque eles são praticados, contrariamente à tradição do romance gótico, por personagens femininas.

Nesta divisão da violência por gêneros, e na forma pela qual o problema é enfrentado, reside uma das diferenças fundamentais entre as obras de Dacre e o romance supracitado de Nélide Piñon. Neste trabalho, veremos como nos romances de Dacre há uma tentativa malsucedida por parte das personagens femininas de ocuparem o lugar das personagens masculinas, enquanto que em *Vozes do Deserto* a bem-sucedida protagonista ataca a raiz do problema, que é a própria desvantagem de um gênero em relação a outro.

Violência feminina

A violência destrói o que ela pretende defender: a dignidade da vida, a liberdade do ser humano (João Paulo II).

¹ Departamento de Letras Vernáculas – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rua João Dias, 110, Jardim Guanabara. 21931-100 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil: mariana_mourente@yahoo.com.br

Para uma melhor compreensão do emprego da violência na obra de Charlotte Dacre, faz-se necessário conhecer o período em que ela produziu, o que revela a dimensão da ruptura com a tradição gótica que as personagens dela representam.

Dacre publicou a maior parte de suas obras entre 1805 e 1811 (cf. DUNN, 1998), o que a coloca cronologicamente entre os autores góticos da literatura inglesa. Este movimento pode ter seu começo marcado pela publicação de *O Castelo de Otranto*, em 1786 (STILLINGER & ABRAMS, 2004). Nos anos que se seguiram, diversos outros autores, tais como Ann Radcliffe and Matthew Gregory Lewis, publicaram romances góticos e pode-se afirmar que o movimento culminou com *Frankenstein*, de Mary Shelley, de 1818. Coincidentemente, neste mesmo ano ocorreu também a publicação de duas obras que satirizavam esta tradição já bem estabelecida: *Northanger Abbey*, de Jane Austen, e *Nightmare Abbey*, de Thomas Love Peacock.

Os romances góticos prototípicos podem ser descritos em termos da oposição dos gêneros, que se manifesta no nível da linguagem selecionada para descrever as personagens e seus atos e, principalmente, na atribuição exclusiva de certos comportamentos a um ou outro gênero. Nessa oposição de gêneros, a violência desempenha um papel crucial, tanto mais que é justamente este aspecto que Dacre escolhe subverter, com isso chamando para si a atenção de escritores importantes na época, como, por exemplo, Percy Bysshe Shelley, que sob a influência de seu romance *Zofloya*, de 1806, escreveu *Zastrozzi* e *St. Irvyne*, ambos de 1810.

Em linhas gerais, o romance gótico tradicional caracteriza-se pelas personagens femininas passivas, fúteis e superficiais, que contrastam com personagens masculinas viris e violentas. Nos romances de Dacre, no entanto, as fronteiras entre estes estereótipos, definidas e intransponíveis nos textos tradicionais, são apagadas, como afirma Knight-Roth (apud DUNN, 1998, p. 312):

Cast in a different mould than those of her precursors, her heroines do not exhibit any elegance or artificiality of diction, nor coy daintiness of mien, nor any inveterate ingenuousness of character. [...] Miss Dacre's women are not one-dimensional beings concerned with propriety or taste. They think, feel and reason. [1]

E no comentário de Dunn (1998, p. 313): “I would expand this point to recognize that Dacre's heroines desire, lust and machinate, often in full awareness of the social codes that attempt to restrict them from doing so. They also commit gruesome acts of violence.” [2]

No entanto, não se pode concluir que, ao incorporarem a violência, as personagens femininas criadas por Dacre resolvam os conflitos gerados pela oposição dos gêneros acompanhada pela valorização incondicional do masculino sobre o feminino. O lado positivo que o comportamento violento assume neste contexto, por representar uma forma de resistência à opressão, é superado pelo lado negativo de que a violência se reveste, de acordo com os valores românticos presentes na obra desta autora, por opor-se ao amor. Por isso, estas personagens normalmente morrem ou são abandonadas por parentes e amigos ao fim da narrativa. A mesma crença de que a violência não é capaz de solucionar os conflitos causados pelo seu uso, estampada em vários dos romances de Dacre, tais como *Zofloya*, *The Libertine* e *The Passions*, está contida em *Vozes do Deserto*.

“Vozes do Deserto”

Eu diria que sou um soldado pacífico. No lugar de armas, deve-se usar a mente, o coração, o senso de humor, todas as capacidades disponíveis [...] porque ninguém tem o direito de tirar a vida de outro ser humano.(Joan Baez)

Como foi afirmado no começo deste texto, a violência ocupa um lugar central em *Vozes do Deserto*. A narrativa abre justamente com a reação da protagonista, Scherezade, a uma série de atos de violência por parte do Califa contra as mulheres do Califado, como vingança pela traição cometida pela sultana, já punida com a morte quando a história se inicia. As páginas seguintes, que detalham o intento da personagem, bem como a recepção da notícia por parte dos

parentes e demais pessoas próximas, enfatiza o caráter de sacrifício da decisão de casar-se com o Califa. Entretanto, com o desenrolar da narrativa, o leitor verifica que a violência, tão presente no início do romance, vai gradativamente cedendo espaço a uma conduta pacífica, em que o ato de contar histórias, construindo personagens e situações, desempenha um papel essencial.

O objetivo que Scherezade se impõe, o de vencer a figura violenta por excelência que é o Califa sem se valer de meios violentos, fica explícito logo ao começo do terceiro capítulo, no momento em que o narrador afirma: “sua sina [de Scherezade] não era vencê-lo [ao Califa] na cama, mas superá-lo ao iniciar a primeira história” (PIÑON, 2004, p. 19). Este propósito é reiterado ao longo do livro, como neste trecho do capítulo sete: “Sua meta consistia em extrair-lhe o sossego mediante emoções contraditórias, em deslocá-lo do sexo para as palavras, em impingir-lhe a lenta agonia advinda da sua manha narrativa” (PIÑON, 2004, p. 43).

Cabe aqui o comentário de que o ato sexual é, em muitas culturas, um ato primordialmente violento, em que o homem toma posse da mulher, que é a ele subjugada, conforme afirma Bourdieu (1999, pp. 29-30):

[...] em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternativas paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. [...] As manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra. [...] Uma sociologia política do ato sexual faria ver que [...] o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, da apropriação, de “posse”.

Mais ainda: a virilidade é associada, em *Vozes do Deserto*, ao poder – mais especificamente, o de decretar a morte de outro ser humano, que é visto com seu substituto:

[...] foi-lhe lentamente esmorecendo a espontaneidade no sexo. [...] Deu por esconder o declínio do corpo até o dia em que, vencido por certas evidências, descuidou-se dos detalhes, talvez por saber que, a despeito de suas fraquezas, tinha a seu favor o poder de ordenar a morte dos inimigos (PIÑON, 2004, p. 21)

Esse caráter violento do ato sexual é acentuado por o Califa dispensar “qualquer manifestação ostensiva de apreço [por parte de suas concubinas], tais como enviar-lhe sinais amorosos sob forma de recados, lenços bordados, flores secas. Os caprichos femininos não o sensibilizam.” (PIÑON, 2004, p. 15). Neste momento, a oposição de gêneros já está claramente formulada para o leitor. De um lado, temos o Califa, desprezando sentimentos, preocupando-se apenas com o ato sexual, que ele decide quando e como vai acontecer. Do outro lado, temos as diversas mulheres que ele “possui”, dispondo apenas de formas simbólicas para exprimir suas opiniões, e impedidas de fazer uso destas formas sem terem a permissão de seu “dono”. Devemos manter em mente que o elemento natural, aqui representado pelas flores, é tradicionalmente associado ao gênero feminino, como afirmado por Bourdieu ao comentar a sociocracia cabila (1999, p. 28-29) e ao elaborar seu “Esquema Sinóptico das Oposições Pertinentes” (1999, p. 19).

Nos romances de Dacre, a sentença de morte proclamada pelo Califa provavelmente seria enfrentada pela protagonista com uma ação violenta na tentativa de anular a violência masculina, com resultados trágicos. Neste romance de Nélide Piñon, no entanto, o que se vê é o progressivo abandono da violência por parte da principal personagem masculina: o Califa passa a desrespeitar a promessa feita a si mesmo de ordenar a morte de todas as suas esposas e também não entra em guerra com os povos vizinhos, como é várias vezes aconselhado a fazer pelo Vizir. Este processo de pacificação irá culminar com a partida de Scherezade do palácio sem que ele procure puni-la por isso.

O mais interessante para esta análise da violência, no entanto, é que esta diminuição do uso da violência por parte de uma personagem masculina não se faz acompanhar de um aumento do uso da violência por parte de nenhuma personagem feminina. O poder da violência é substituído pelo poder da narrativa. Scherezade se vale apenas das histórias que conta para se libertar:

Pois sua função, a fim de salvar-se, previa considerar o peso de cada palavra na frase, sem esquecer, para isto, de acrescentar ossos, gorduras, paixões aos personagens, frutos de sua invenção. A eles confiando o encargo de abrandar o coração empedernido daquele homem. [...] Com voz de flauta e de alaúde, ela cultua volutas verbais que desestabilizam a realidade sobre a qual o Califa governa. (PIÑON, 2004, p. 27).

O intuito de Scherezade não passa despercebido ao Califa, que percebe “o risco de passar às mãos da jovem um poder em franca disputa com o seu” (PIÑON, 2004, p. 28). Considerando a associação do poder do Califa com sua virilidade, não é de espantar que o temor de perder seu poder seja representado pelo medo e aversão ao órgão sexual feminino:

O Califa lembrava igualmente, confrontado com o tumulto à sua volta, de certa voz que, a pretexto da natureza ardilosa da mulher, proclamara rancorosa: “Oh, vulva, com quantas mortes de homens arcas?” E evocava ainda a metáfora criada por poetas árabes que, no afã de descrever o órgão sexual da mulher, associaram seu formato à cabeça de um leão faminto e insaciável. [...] Ao se oferecerem lascivas [as concubinas], o Califa sentia-se tragado pela violência de uma vulva que o queria arrastar para dentro de suas funduras sem deixar vestígio de seu paradeiro. (PIÑON, 2004, pp. 32-33).

O desfecho desta disputa de poder agrada às personagens femininas, pois cada uma delas alcança o que desejava: Scherezade parte do palácio para a casa de Fátima, sem que o Califa a sentencie com a morte, Dinazarda assume o lugar da irmã junto ao Califa, e Jasmine adquire um lugar de destaque, e algum poder, tornando-se a nova contadora de histórias do palácio. O que faz a diferença entre o desfecho satisfatório para todas as partes, incluindo o Califa, que encontramos nesta obra e o final trágico dos romances góticos é o caminho percorrido para atingir o objetivo comum às personagens femininas de Nélide Piñon e Charlotte Dacre, que é libertar-se da dominação masculina.

Coragem e covardia

A não-violência e a covardia não combinam. Posso imaginar um homem armado até os dentes que no fundo é um covarde. A posse de armas insinua um elemento de medo, se não mesmo de covardia. Mas a verdadeira não-violência é uma impossibilidade sem a posse de um destemor inflexível. (Mahatma Gandhi)

De acordo com os estudos de Bourdieu (1999), há uma divisão arbitrária, posto que cultural, que abarca praticamente todos os elementos de uma dada sociedade. Nesta economia simbólica, cada elemento de importância para a comunidade, seja um espaço, um período da vida, uma ferramenta, um animal, etc, é associado exclusivamente a um gênero. A tendência encontrada na sociedade cabila, estudada por Bourdieu, e que também pode ser identificada em várias outras sociedades, incluindo a brasileira e a inglesa, é que tal divisão polarize todos os elementos vistos como positivos em torno do gênero masculino, deixando ao feminino apenas os elementos negativos.

Por esta divisão desencadear mecanismos para sua manutenção, é difícil romper o círculo vicioso da economia simbólica, que, ao atribuir às mulheres qualidades negativas, faz com que elas não possam se tornar outra coisa que não o ser negativo que a ordem estabelecida diz que são:

As mulheres [...] estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, [...] e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, os utensílios, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres não podem senão tornar-se o que elas são segundo a razão mítica, confirmando assim, e antes de mais nada a seus próprios olhos, que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. (BOURDIEU, 1999, p. 41; grifos do autor)

Um exemplo desta dificuldade de romper com a ordem patriarcal estabelecida são as personagens de Dacre, que, conscientes de sua posição desprivilegiada, tentam ocupar o lugar das personagens masculinas, sem sucesso. Isso se deve ao fato de que elas não buscam construir seu próprio espaço dentro da sociedade a partir de seus desejos, mas sim ocupar aquele que está sendo ocupado pelos homens. Nesta busca equivocada pelo poder dentro da economia simbólica, algumas personagens chegam a perder até sua identidade, como Gabrielle, de *The Libertine*, que se traveste de homem para se vingar de seu amante.

No entanto, para solucionar o conflito de gêneros tal qual ele se apresenta na obra de Dacre e em *Vozes do Deserto*, é preciso mais do que tentar ocupar o lugar superior dentro da economia simbólica: é preciso refazer a divisão arbitrária que faz com que um gênero seja visto como superior ao outro. Scherezade, em *Vozes do Deserto*, mostra que um dos caminhos para que este objetivo seja atingido é a neutralização da violência, visto que, por ser uma forma de poder, ela ajuda a sustentar a desigualdade entre os gêneros. Este projeto de neutralizar a violência é certamente ambicioso, mesmo em pequena escala (pois Scherezade visa a dominar apenas o Califa). Todavia, as narrativas, por despertarem nos ouvintes sentimentos e emoções, permitem que este projeto se realize.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999, p. .

DUNN, James A. "Charlotte Dacre and the Feminization of Violence". *Nineteenth-Century Literature* 53 (19-98): 307-27. Disponível em <http://www.ucpress.edu/scan/ncl-e/533/articles/dunn.art533.pdf> Acesso em 12 out. 2004.

PIÑON, Néida. *Vozes do Deserto*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004, p. .

STILLINGER, J. & ABRAMS, M. H (eds.). *Literary Gothicism*. *The Norton Anthology of English Literature*. Disponível em http://www.wwnorton.com/college/english/nael/romantic/topic_2/welcome.htm. Acesso em 12 dez. 2004.

Agradecimentos:

Registro aqui meu agradecimento às professoras Elódia Xavier e Letícia Frossard, através das quais conheci a literatura brasileira e inglesa. Agradeço também aos meus colegas de Mestrado da UFRJ, onde pude discutir pela primeira vez minhas associações entre *Vozes do Deserto* e os romances góticos de Charlotte Dacre.

Notas

[1] Fugindo ao padrão estabelecido por suas antecessoras, as heroínas de Dacre não possuem dicção artificial ou pomposa, nem timidez graciosa, nem honestidade arraigada. [...] As personagens femininas de Dacre não são seres unidimensionais preocupados com decência ou bom gosto. Elas têm opinião, sentem e raciocinam. (Tradução própria)

[2] Eu acrescentaria que as heroínas de Dacre desejam, em todos os sentidos da palavra, e criam intrigas, freqüentemente com total conhecimento dos códigos sociais que tentam impedi-las de fazê-lo. Elas também cometem atos violentos repulsivos. (Tradução própria)